



CURSO – ODONTOLOGIA/USP

“Seja qual for seu sonho, nunca deixe que ele seja tomado de você.”

Marcelo Monteiro entrou em 2015 no curso de Odontologia da USP, onde estuda no 4º ano da graduação. Nesta entrevista ele conta como se desenvolve o seu curso, fala dos estágios que fez, das áreas de atuação do dentista e manifesta sua vontade de completar seus estudos com outra graduação.

Marcelo Monteiro

JC – Quando e por que você escolheu Odontologia como carreira?

Marcelo – Optei por Odontologia no final do meu 2º ano no Etapa. Sabia o que não queria, já que não sou muito chegado a Exatas. Como gosto de cuidar das pessoas, é natural que migrasse para a área da saúde. Pensando em Biológicas, fiquei entre Medicina e Odonto. Meu irmão já estava acabando o curso de Medicina na Unifesp, perguntei a ele como foi a graduação e quais eram as perspectivas de futuro dele. Não me senti atraído por Medicina. Escolhi Odontologia porque sempre gostei muito de sua praticidade.

O que o trouxe ao Etapa?

Minha família é de São José do Rio Preto. Meu pai, professor, veio trabalhar em São Paulo em 2007. Meu irmão, aprovado na Unifesp, veio em 2008. Eu e minha mãe, também professora, viemos em 2009. Eu tinha 13 anos. Em 2012, entrei no Ensino Médio do Etapa. Fiz o Fundamental e tive ótimos momentos, mas tinha ciência de que a escola em que estava não exigia muito de mim. Não me sentia desafiado na época e, com meus pais, comecei a procurar outro colégio. Me senti mais chamado pelo Etapa e vim para cá.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei Unicamp e Unesp. Fui aprovado em todos. Mas a USP era minha 1ª opção.

No começo na Odontologia você chegou a ter alguma surpresa em relação ao que esperava do curso?

Só tive boas surpresas. No 1º ano eu fiz o primeiro semestre inteiro com a visão de faculdade do meu irmão. Ele me contava dos eventos, da graduação, dos colegas, das experiências que teve para se enriquecer como pessoa e como profissional. Falei: “Quero isso para mim”. Entrei na USP com essa sede, essa vontade de conhecer novas pessoas, ter novas experiências. Era um mundo novo.

Como se desenvolve o curso de Odontologia na USP?

Nos dois primeiros anos, o ciclo básico, quase todas as matérias foram no Instituto de Ciências Biomédicas, toda a parte de Anatomia, Histologia, Fisiologia. A partir do 3º ano começaram as matérias mais voltadas para Odontologia, a parte de materiais, um pouco sobre saúde pública.

Além das aulas, você teve alguma atividade extra no 1º ano?

No 1º ano o foco foi nas aulas. Mas participei de alguns eventos da faculdade para poder me relacionar com as pessoas, com o pessoal que entrou antes de mim. Também treinei vários esportes na Atlética: futsal, handebol, vôlei, tênis de mesa, arremesso de peso – fiz bastante coisa. E entrei na bateria.

ENTREVISTA

Carreira – Odontologia

1

(ENTRE PARÊNTESIS)

N dias

5

CONTO

Um apólogo – Machado de Assis

3

ESPECIAL

Manhã Interativa reúne pais e alunos no Colégio Etapa de Valinhos

6

ARTIGO

Risco de rompimento de barragens de rejeitos aumenta com queda no preço dos minérios

4

ESPECIAL

Alunos do Etapa conquistam medalhas de bronze na 11ª Romanian Master of Mathematics

8

Nos outros anos você fez atividades diferentes?

Mantive as mesmas atividades. Permaneço na bateria até hoje e pratiquei handebol até o ano passado. Fui diretor de esportes em 2016, no meu 2º ano, e presidente no meu 3º. Depois disso, resolvi passar a bola para focar de fato no meu perfil acadêmico. E comecei estágio em uma liga na faculdade.

Qual liga?

Liga Interdisciplinar de Dor Orofacial, LID. Esse estágio dá uma perspectiva de como lidar com oclusões, o que acontece na mordida da pessoa com alguns problemas, como uma disfunção mandibular, com espasmos na articulação. Por exemplo, quando você morde errado e acorda com dor de cabeça. Ou quando você tem uma parafunção, quando está nervoso e fica mordendo, o que gera uma tensão no seu rosto e se reflete na sua saúde, causando dores de cabeça.

Você ficou nesse estágio até quando?

Prestei a prova para entrar na liga em 2017 e fiquei 2018 inteiro. Na verdade, fiquei o ano passando pelas ligas, dando aulas. Há várias ligas na faculdade, de cirurgia, estética, periodontia, radiologia. Liga é um grupo de alunos que se juntam para estudar e se aprofundar num assunto específico. Muitas vezes é interdisciplinar e a gente tem a possibilidade de uma mescla de conhecimentos.

Você chegou a fazer outros estágios?

Fiz. Em 2018, a partir do 2º semestre, também fiz um estágio no Laboebi, Laboratório de Pesquisa em Odontologia do Esporte e Biomecânica, coordenado pela Profª Drª Neide Pena Couto, que é muito renomada e é uma referência na área.

Onde fica o Laboebi?

Na própria Faculdade de Odontologia. Lá, temos um complexo de clínicas e laboratórios. Temos uma clínica que, na terça à tarde, atende pacientes. É público, sem custo para a população. Eles apenas assinam um termo de que estão cientes de que são alunos que os estão atendendo com a supervisão de um professor, de um monitor.

O que você faz lá?

No Laboebi fazemos protetores bucais, protetores faciais. Entrei no final de 2018. Hoje, como a bolsa que consegui é voltada para disseminação da importância do protetor bucal na prática esportiva, basicamente eu tenho que explicar e mostrar para os atletas por que é importante eles usarem o protetor bucal – e qual é o mais recomendado, o mais eficaz.

Quem mais usa protetor bucal?

O uso é mais frequente por lutadores. No rúgbi os atletas são obrigados a usar o protetor bucal. O protetor é parte do uniforme. Meu trabalho é difundir a importância do protetor, sem o qual muitas pessoas perderiam muitos de seus dentes.

Como você conheceu sua orientadora?

Eu a conheci quando comecei a fazer disciplina optativa de Odontologia do Esporte. Criei interesse pelo assunto e fui procurá-la no laboratório. Ela fez o protetor facial para o Lugano e outros jogadores. O mais recente protetor que eu ajudei a fazer foi para a Portuguesa Santista.

Algum outro estágio?

Atualmente, também estou estagiando no Laboratório Especial de Laser em Odontologia. O intuito do uso do laser é complementar o tratamento tradicional.

Qual é a importância desses estágios na Odontologia?

Acho que principalmente na questão do cotidiano o estágio dá uma perspectiva um pouco mais real, um pouco mais palpável de como é a atividade, o cotidiano do dentista.

Quais são as áreas de atuação do odontologista, além do consultório?

Além do consultório clássico, existe a parte de dentista de concurso, que trabalha com polícia, com forças armadas. São várias opções, várias oportunidades que existem, como a prótese bucomaxilofacial, em que os dentistas confeccionam próteses oculares para pessoas que perderam olho em algum acidente, algo que não é muito comum. A parte de Odontologia de Esporte é muito importante e foi no ano passado que se tornou especialidade. Existe a Odontologia Legal ou Odontologia Forense, que atua na área mais de reconhecimento de cadáver, de lesões por trauma – e acaba sendo mais fora do convencional, com um dia a dia um pouco mais duro, e é opção para muitos dentistas.

O que você quer seguir na Odontologia?

A parte de prótese me interessa muito, prótese total, móvel ou fixa. Ainda vou ter as matérias de prótese móvel ou fixa, tem um tempo aí para eu poder decidir. Essa parte de prótese bucomaxilofacial, que são próteses confeccionadas para pacientes na maioria das vezes oncológicos, que tiveram muita perda de osso, de gengiva, de mucosa devido a um câncer ou a outra complicação. Acaba sendo necessário confeccionar uma prótese diferenciada.

Você pensa em continuar estudando após terminar a graduação?

Eu gostaria de ter umas pós-graduações em Odonto, um mestrado. Não é uma certeza, mas atualmente considero bastante fazer outra graduação, Psicologia, no caso. Mas vamos ver primeiro como eu me saio no mercado profissional, para saber se terei tempo e até o mesmo interesse no futuro. Considero muito forte fazer este complemento na área de Psicologia. Antigamente existia na faculdade uma disciplina de Psicologia Aplicada à Odontologia, infelizmente não existe mais. Fisioterapia é outra área que me interessa.

Você planeja ter um consultório próprio?

Não é objetivo principal atualmente. Estou focado muito mais em me educar financeiramente, porque eu sinto que essa é uma defasagem que existe em toda a formação das pessoas. Estou lendo muitos livros sobre isso, estou me informando bastante, porque eu vi que essa é uma necessidade muito crítica, ainda mais se você for focar em empreendedorismo, como montar uma clínica.

Lá na Odonto você tem alguma matéria visando essa questão do empreendedorismo? O básico de como montar um consultório?

No último ano, temos uma disciplina de gestão, dá uma perspectiva de como gerir uma clínica, da questão financeira, como escolher a localização, saber o público que você está querendo atingir, quais são seus objetivos. Dá uma visão um pouco melhor. Também começou a funcionar recentemente uma liga de gestão.

Com o que estudou e praticou até agora na faculdade, você acha que está preparado para encarar a atividade profissional?

Ainda faltam os estágios finais da minha graduação, mas eu já me sinto bastante confiante para sair e exercer a profissão. Infelizmente eu sinto uma leve defasagem na questão de tratamento integrado. O paciente passa por uma área, depois é encaminhado para outra, que encaminha para outra, que encaminha para outra. Ele não está sendo analisado como um todo, com uma visão mais integrada do problema. Isso acaba dificultando um pouco o tratamento e acaba induzindo a segmentação.

CONTO

Um apólogo – Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:
– Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?
– Deixe-me, senhora.
– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.
– Decerto que sou.
– Mas por quê?
– É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?
– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?
– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...
– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.
– Você imperador?
– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

E os amigos do colégio?

Muitas pessoas foram para outras áreas. Mas ainda tenho amigos do colégio muito próximos.

Quais lembranças permanecem de seu tempo na Etapa?

Estudar aqui permitiu uma vivência extraordinária, compartilhar momentos muito queridos com os amigos.

O que você poderia acrescentar para os alunos atuais?

Antes de mais nada, sonhar é essencial. Sonhos fazem nosso fogo interior, nossa paixão arder e nos mantêm firmes. Seja qual for seu sonho, uma profissão, uma casa, uma família, um cachorro, uma viagem, qualquer que seja o sonho, nunca deixe que ele seja tomado de você.

– Então senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: – Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Extraído de: *Várias histórias*.